



Conversa

[Cadernos] PPG-AU  
FAUFBA

# “O diferencial do PPG-AU/FAUFBA é a força de seus grupos de pesquisa”

Conversa com

**Rodrigo Espinha Baeta**

Coordenador do PPG-AU/FAUFBA (2018-2020)  
Universidade Federal da Bahia

Foi em 22 de agosto de 2024 que ocorreu a conversa telepresencial entre Rodrigo Espinha Baeta e os Cadernos PPG-AU/FAUFBA, cuja transcrição foi realizada por um aplicativo de inteligência artificial. Tal texto, depois, foi revisado por outro aplicativo de IA, pelo editor Leo Name e pelo próprio Baeta, que agregou mais informações.

Durante o encontro, ele explicou que seu interesse pela história da arquitetura e pela área de Conservação e Restauro começou ainda na Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde cursou o bacharelado, influenciado por professores como Carlos Antônio Leite Brandão. Em 1995, veio a Salvador para cursar o Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da FAUFBA, o MAU, que hoje é o PPG-AU, um ano depois ingressando no Curso de Especialização em Conservação e Restauro de Monumentos e Sítios Históricos (CECRE), atualmente um Mestrado Profissional.

Sua dissertação e tese, disse-nos, foram centradas na ideia de que o Barroco também se expressa urbanisticamente, além das edificações — um tema até então pouco debatido. No PPG-AU/FAUFBA das décadas de 90 e 2000 em que estudou, havia poucos docentes, mas muito marcantes, como Isaías de Carvalho Santos Neto, Marco Aurélio de Filgueiras Gomes, Ana Fernandes, Heliodório Sampaio, Mário Mendonça e, sobretudo, Odete Dourado — segundo ele uma professora excepcional, que influenciou sua perspectiva sobre teoria e história da arquitetura. Ao longo dos últimos anos, conforme ressaltou, o campo disciplinar do patrimônio cultural se expandiu, incorporando tanto bens tangíveis quanto intangíveis: o popular, afetivo e memorial é agora considerado tão relevante quanto o histórico e artístico. O PPG-AU/FAUFBA, e também o MP-CECRE, ele não tem dúvidas, acompanha e estimula tal ampliação: por exemplo, através dos diversos projetos em andamento focados na preservação, tais como o Canteiro Modelo de Conservação, o projeto Mestres e Artífices da Chapada Diamantina e as iniciativas relacionadas à preservação de templos afro-brasileiros.

A Coordenação do programa por Baeta ocorreu entre 2018 e 2020, um período de enfrentamento da queda da nota na Capes para 4 — que, curiosamente, não diminuiu a relevância do PPG-AU/FAUFBA, que na mesma época recebeu várias premiações na ANPARQ e manteve voz ativa em fóruns políticos, científicos e institucionais. Ele destacou, nesse contexto, os esforços para melhorar a avaliação, redistribuindo-se orientações e atentando-se a uma coleta mais ativa da produção científica, dois fatores que contribuíram para a atual nota 6. A excelência da pós-graduação da FAUFBA, na sua opinião, reside na potência de seus grupos de pesquisa, bem como no acolhimento de toda sorte de experiências e temas emergentes e essenciais. Atualmente, para ele, o destaque está nas questões étnico-raciais, sem paralelo em outros programas no Brasil.

**Cadernos PPG-AU/FAUFBA:** Vamos começar com a sua formação. Você se graduou em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), morava em Belo Horizonte, portanto, mas seu Trabalho Final de Graduação (TFG) já tinha como foco a cidade de Ouro Preto. Depois, você veio para Salvador em 1996, para fazer o Curso de Especialização em Conservação e Restauo de Monumentos e Sítios Históricos, o CECRE, que atualmente é o mestrado profissional MP-CECRE.<sup>1</sup> Gostaríamos, então, de saber como surgiu o seu interesse pela história da arquitetura e do urbanismo, pelo barroco e pelo universo de preservação e restauro.

**Rodrigo Espinha Baeta:** Eu fiz o CECRE, sim, mas preciso corrigir: eu vim para Salvador, sim, mas um ano antes, em 1995, para fazer o então Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, o MAU, atual PPG-AU/FAUFBA, que já tinha a Área de Concentração em Conservação e Restauo. Na verdade, eu fiz o CECRE durante o mestrado, a partir de 1996. Fui o único que fez os dois ao mesmo tempo. Talvez por isso, e por outros fatores, acabei gastando oito anos para concluir o mestrado. Mas foram muito bem aproveitados.

Meu interesse pela história da arquitetura e por conservação e restauro começou quando entrei na Escola de Arquitetura da UFMG, em 1988, a mais antiga escola de arquitetura do Brasil, fundada em 1931. Lá, o título oficial era engenheiro-arquiteto, o que não mudava em nada a habilitação, mas é uma curiosidade interessante. Desde antes de entrar na escola, eu já tinha um fascínio pelo Barroco, especialmente o mineiro, e pelas cidades históricas de Minas Gerais. Isso me motivou a estudar arquitetura, mesmo sem saber muito bem o que era isso. Durante o curso, busquei potencializar esse interesse, e, desde a disciplina de História da Arquitetura 1, ministrada pelo professor Carlos Antônio Leite Brandão, o Cacá Brandão, eu fiquei ainda mais envolvido. Outros professores de história também foram importantes, e eu sempre busquei ler mais sobre a história da arquitetura, tanto a mundial quanto a brasileira, especialmente a mineira.

Desde o início do curso, para além do campo da história da arquitetura, me interessei pelas temáticas da conservação e da restauração. Em 1988, no segundo período, assisti

<sup>1</sup> Nota dos Editores (N.E.) — O Curso de Especialização em Conservação e Restauração de Monumentos e Sítios Históricos (CECRE) teve sua origem na década de 1970, por meio de convênios firmados entre a Secretaria de Cultura do MEC e diversas universidades brasileiras. Na ocasião de sua quarta edição, realizada em Salvador entre os anos de 1981 e 1982, o curso adquiriu projeção internacional, atraindo a presença de alunos e consultores estrangeiros, o que lhe conferiu um caráter de maior relevância no campo da preservação. Este feito sucedeu as edições anteriores, ocorridas em São Paulo (1974), Recife (1976) e Belo Horizonte (1978), e culminou na fixação permanente do curso na Universidade Federal da Bahia, sob a égide da Faculdade de Arquitetura e do Centro de Estudos da Arquitetura da Bahia (CEAB). A partir de 2010, o curso foi elevado à categoria de Mestrado Profissional em Conservação e Restauração de Monumentos e Núcleos Históricos (MP-CECRE), consolidando seu papel no aprimoramento acadêmico e profissional no campo da restauração.

avidamente a um ciclo de conservação e restauro na Escola e me encantei completamente. Naquela época, não existiam disciplinas como “Técnicas Retrospectivas” e a formação em conservação e restauro na graduação era inexistente, ou muito fraca.

Naquela época, a escola respirava projeto de arquitetura – que era outro campo que me despertou bastante interesse. Debatíamos sobre as tendências atuais do pós-modernismo em todos os lugares, desde a cantina até os inúmeros vernissages que aconteciam no hall da escola. Havia também um grande acervo de revistas de arquitetura na incrível biblioteca da Escola, o que nos permitia acompanhar o que havia de mais contemporâneo.

Em 1991, três anos antes de me formar, eu já tinha um escritório com Fernando Lara e outros amigos queridos, chamado Casa do Espaço, em um casarão eclético na rua Serro, no bairro da Lagoinha. Quando estava prestes a me formar, já com uma experiência significativa em escritório de arquitetura, me interessei por me especializar em conservação e restauro. Em Minas Gerais, havia uma certa confusão sobre o que acontecia na Bahia em termos de pós-graduação: por lá, era comum confundir o que era o CECRE e o que era MAU, o Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da UFBA. Em Minas Gerais, todos pensavam que existia um mestrado em conservação e restauro, e ninguém sabia que era, na verdade, um mestrado em arquitetura e urbanismo, com áreas de concentração em conservação e restauro e em desenho urbano. Quando fiz o processo seletivo, talvez eu ainda acreditasse que todo o mestrado era voltado à preservação do patrimônio edificado. Fiz na Bahia por que era a única referência no Brasil de curso de pós-graduação *stricto sensu* na área. Vim com um tema que não era especificamente de história da arquitetura, porque achava que não se encaixava na área de conservação e restauro, relacionado a Lavras Novas, um distrito de Ouro Preto, que, com o boom do turismo, começava a perder sua essência vernacular — algo que, na verdade, não tinha muito a ver com meus interesses.

Ao chegar no então MAU me deparei com professores excelentes e me senti muito acolhido, apesar de não ser conhecido por ninguém, vindo de Minas. Com o tempo, a convivência com alguns docentes me fez perceber que eu poderia mudar para um tema que realmente me interessasse. Uma das minhas intuições sempre foi que, embora se falasse muito da arquitetura barroca, pouco se discutia sobre o espaço urbano como uma expressão do barroco. Na minha opinião, Ouro Preto, por exemplo, era um núcleo urbano que exalava, na sua configuração cenográfica e paisagística, uma grande expressão barroca. Conversei com a professora Odete Dourado sobre a possibilidade de

mudar meu tema para investigar se poderíamos considerar Ouro Preto uma cidade barroca. Ela achou a ideia ótima, e, já no primeiro semestre de 1995, mudei de tema, o que foi uma alegria, porque era o assunto que eu sempre sonhei em explorar.

Durante o curso, tive experiências edificantes em disciplinas como Tecnologia da Conservação e do Restauro, com o professor Mário Mendonça, tarefas que eram profundamente exaustivas, mas fascinantes. No entanto, desenvolvi um tema completamente teórico, historiográfico e crítico, o que me fez questionar se estava perdendo a oportunidade de aprofundar minhas experiências práticas. Quando o processo seletivo para o Curso de Especialização em Conservação e Restauração de Monumentos e Sítios Históricos, o IX CECRE UFBA, abriu, para a turma de 1996, eu decidi fazer junto com o mestrado, apesar de ninguém ter me apoiado nesta jornada insana. Foi a melhor decisão que tomei, porque o CECRE me impulsionou a explorar a prática na área de conservação e restauração, complementando minha formação teórica com experiências práticas valiosas.

**Cadernos PPG-AU/FAUFBA:** Você mencionou o Mário Mendonça e a Odete Dourado, que te apoiaram muito. Você poderia nos falar sobre outras contribuições dos pesquisadores do PPG-AU/FAUFBA na sua formação e nas pesquisas que você realizou durante o mestrado e doutorado? Além disso, você lembra quais eram os autores que predominavam nas aulas que você estava cursando naquela época?

**Rodrigo Espinha Baeta:** Entrei no mestrado em 1995 e terminei em 2003. Já no doutorado, comecei em 2004 e levei sete anos e meio para concluir, terminando em 2011. Sou o pior exemplo de cumprimento de prazo de pós-graduação que pode existir, tanto no mestrado quanto no doutorado. Reingressei em ambos, e isso foi a melhor coisa que fiz, porque o que produzi nesse tempo, uma dissertação com mais de quinhentas páginas e uma tese com quase oitocentos (BAETA, 2003; 2011), define tudo o que sou hoje. O tempo que o PPG-AU generosamente me concedeu foi fundamental para isso.

Nos anos 90, o PPG-AU era um programa muito diferente, com apenas dez a doze professores, e nem todos tinham doutorado. Havia uma certa tolerância em relação a isso. Minha turma tinha apenas sete alunos, então o contato, a atenção e a produção seguiam outra lógica. Os professores que realmente me marcaram desde o início foram: o professor Isaías de Carvalho Santos Neto, que deu a disciplina de Introdução ao Projeto de Pesquisa I e foi crucial para a mudança do meu tema, de Lavras Novas para Ouro Preto e a questão da cidade barroca; o professor Marco Aurélio de Figueiras Gomes, que ministrou Introdução ao Projeto de Pesquisa II, assim como a disciplina de História da Cidade, obrigatória na época para a área de concentração de Conservação

e Restauro, mas não para Desenho Urbano; a professora Ana Fernandes, sempre uma referência, apesar de sua área de interesse ser diferente da minha — e a coordenadora quando entrei no programa.

Outros professores que me influenciaram muito foram o professor Antônio Heliodório Lima Sampaio, sempre presente e importante, e o professor Mário Mendonça, pela carga de conhecimento em Tecnologia da Construção e Restauro que ofereceu. No primeiro semestre de 1995, junto com uma amiga e colega gaúcha, Ana Paula da Gama Souto, fizemos o relatório técnico do estado de conservação da Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Boqueirão, um trabalho insano. No segundo semestre, levantamos a muralha do Forte São Pedro, um projeto igualmente desafiador. Estas duas experiências me impulsionaram a fazer o 9º CECRE, no ano seguinte.

Sobre Odete Dourado, preciso destacar que foi a maior professora que tive. A forma como ela lidava com certos aspectos da história, da teoria e da crítica da arquitetura era exatamente como eu imaginava e intuía que deveria ser. Embora eu admirasse profundamente meus professores de História da Arquitetura, especialmente o Cacá Brandão, sempre senti uma certa desconexão entre o discurso teórico e a análise crítica do objeto arquitetônico. Na minha visão, era essencial partir do objeto para a teoria, e não o contrário, e foi isso que me chamou a atenção em Odete – a capacidade inigualável de leitura da arquitetura e da cidade como obras de arte. No curso que ela ministrava, chamado então Intervenções em Sítios Urbanos Consolidados (mas que tratava, de fato, de teoria e história da restauração), vi imediatamente essa conexão. Odete acabou sendo minha orientadora no mestrado e também me orientou no doutorado até a metade do curso; mas, depois, mudei para a professora Eloísa Petti Pinheiro, outra grande referência para mim, especialmente no campo da história urbana.

Sobre os autores que influenciaram minha formação, destaco o crítico italiano Giulio Carlo Argan — por exemplo, *Immagine e persuasione* (1986); *L'Europa delle capitali* (2004); *Storia dell'arte come storia della città* (1984); *Storia dell'arte italiana* (1994); *El concepto del espacio arquitectónico desde el barroco a nuestros días* (1973); *Borromini* (1978), que foi a base para a construção teórica que elaborei, tanto para minha dissertação de mestrado como na tese de doutorado; e também a referência central para meus primeiros três livros autorais, *O Barroco, a arquitetura e a cidade nos séculos XVII e XVIII* (2010), publicação que recebeu o Prêmio ANPARQ, em 2012 de melhor livro autoral; *Teoria do Barroco* (2012); *A cidade Barroca na Europa e na América Ibérica* (2017), publicação que recebeu, novamente, o Prêmio ANPARQ, em 2018, de melhor livro autoral. Argan é igualmente fundamental para meu novo livro, que será lançado ainda neste

ano de 2024, em formato digital: *Contra a quadrícula: a cenografia urbana barroca nas cidades hispano-americanas* (2024).

Outros autores importantes para minha formação como historiador, teórico e crítico da arquitetura foram: Cesare Brandi, com *Teoria del restauro* (1977)]; Rudolf Wittkower, com *Art and architecture in Italy: 1600 to 1750* (1982), *Bernini. The sculptor of the roman baroque* (2002) e *Sobre la arquitectura en la edad del humanismo* (1979)]; José Antonio Mavall, com *La cultura del Barroco* (2007); Paolo Portoghesi, com *Francesco Borromini* (1994) e *Roma barocca* (1977)]; Sylvio de Vasconcellos, com *A arquitetura colonial mineira* (1997), *Arquitetura no Brasil: sistemas construtivos* (1979), *Mineiridade: ensaio de caracterização* (1968), *Vida e obra de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho* (1979) e *Vila Rica: formação e desenvolvimento – Residências* (1977); Murillo Marx, com *Arraiais mineiros: relendo Sylvio de Vasconcellos* (1990), *Cidade no Brasil terra de quem?* (1992) e *Nosso chão: do sagrado ao profano* (1989)]; Ramón Gutiérrez, com *Arquitectura y Urbanismo en Iberoamérica* (1977), *Baroco Iberoamericano: de los Andes a las Pampas* (1997)]; e, finalmente, Marcello Fagiolo, meu tutor durante o doutorado-sanduíche junto a Università degli Studi di Roma, la Sapienza, em 2007, e suas obras *Barocco Latino Americano* (1980) e *La festa a Roma* (1997)]. Esses teóricos, críticos e historiadores da arquitetura, com suas análises do objeto arquitetônico e urbano, sempre me fascinaram e continuam a ser bases sólidas para o que realmente me interessa.

**Cadernos PPG-AU/FAUFBA:** Uma pergunta complexa... Você concordaria com a afirmação de que as temáticas relacionadas à preservação, conservação e restauro já tiveram maior centralidade tanto no debate do PPG-AU/FAUFBA quanto no debate mais amplo do campo? Por exemplo, nos anos 90 e 2000, falava-se muito mais sobre cultura, e a questão do patrimônio vinha a reboque desse debate. O tema do patrimônio perdeu força? E se há uma perda de interesse na temática do patrimônio, qual seria a consequência disso para Salvador, que tem o maior conjunto urbano colonial tombado do Brasil?

**Rodrigo Espinha Baeta:** Apesar de trabalhar também com conservação e restauro, para além das temáticas da história da arquitetura e da cidade, a área de discussão sobre salvaguarda do patrimônio cultural não é exatamente o meu foco de atenção. Esse campo do saber tem mais a ver com os professores Nivaldo Vieira de Andrade Junior, Juliana Cardoso Nery, Márcia Genésia de Sant'Anna, entre tantos outros do PPG-AU e do MP-CECRE, programa que também atuo como professor permanente.

Meus interesses, na verdade, orbitam no campo da teoria e da história da conservação e do restauro, particularmente no recorte que lida com as intervenções contemporâneas em edifícios históricos, áreas consolidadas, conjuntos urbanos, paisagens naturais e áreas arqueológicas de interesse cultural. Trato, na dimensão da crítica da arquitetura, das estratégias projetuais das intervenções de conservação, restauro ou recriação — ou seja, de remodelagem figurativa das preexistências —, que afetam edifícios e áreas urbanas com valor histórico e artístico, de projetos de inserção de objetos arquitetônicos em contextos urbanos consolidados e de intervenções em edifícios antigos, geralmente com inserções restaurativas ou recriadoras de caráter moderno e/ou contemporâneo. Aliás, uma boa amostra deste meu foco de interesse no campo da conservação e do restauro, na temática das intervenções arquitetônicas e urbanas em preexistências consolidadas pode ser conferida em meu livro, escrito com a professora Juliana Cardoso Nery: *Entre o restauro e a recriação: reflexões sobre intervenções em preexistências arquitetônicas e urbanas* (2022).

Ou seja, a discussão de cunho mais sociológico, antropológico, mais vinculada aos processos de gestão e da salvaguarda do patrimônio cultural, não é exatamente o que domino.

Mas, dentro do pouco que posso responder sobre isso, vou dizer que discordo veementemente da afirmação de que as temáticas relacionadas à preservação, à conservação e ao restauro já tiveram maior centralidade. Acho que as questões sobre a preservação, a conservação, o restauro, para além do debate sobre a proteção do patrimônio cultural em geral, nunca estiveram tão em evidência. Nos últimos anos, houve uma expansão enorme no campo disciplinar do patrimônio cultural, bem como uma ampliação exponencial da qualidade e do tipo de bens tangíveis e intangíveis que passaram a habitar o universo de interesses das sociedades atuais. Se, em um primeiro momento, historicamente se privilegiava o patrimônio histórico e artístico de caráter monumental, hoje em dia o rol de bens que devem ser salvaguardados e preservados se ampliou muito. Isso não quer dizer que a conservação e a restauração dos objetos materiais com valor histórico e artístico tenham arrefecido. Pelo contrário: o que aconteceu foi uma grande ampliação do campo, acolhendo também bens que guardam sua relevância pelo seu valor intangível, pelo seu caráter popular, afetivo, memorial etc.

Voltando ao PPG-AU, mas também à Faculdade de Arquitetura da UFBA e ao MP-CE-CRE, acho que a maior prova dessa expansão, e de como essa questão está em evidência, são os inúmeros projetos que estão sendo desenvolvidos atualmente, que tra-

tam da questão da preservação do patrimônio arquitetônico e urbano de interesse cultural, muitos com vultosos recursos do IPHAN [Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional] ou de outras fontes. Posso citar alguns dos poucos que me lembro: o “Canteiro Modelo de Conservação”, que é um TED [Termo de Execução Descentralizada], cujo projeto piloto veio de outro TED, de ações de salvaguarda e conservação do patrimônio cultural de Igatú, Bahia; o projeto “Mestres e Artífices da Chapara Diamantina”, se não me engano já concluído, também desenvolvido com recursos do IPHAN; o projeto “Normas e Critérios para Intervenção para o Centro Histórico de Salvador”, outro TED com financiamento do IPHAN, um trabalho grandioso desenvolvido no âmbito do PPG-AU, do MP-CECRE, do CEAB [Centro de estudos de Arquitetura da Bahia] e da Faculdade de Arquitetura; o “Projeto de Conservação do Patrimônio Afro-Brasileiro: restauração dos templos religiosos de matrizes africanas tombados pelo IPHAN” – do Omo Ilê Aboulá, Roça do Ventura e Alaketu, vinculado ao Grupo de Pesquisa EtniCidades; o projeto “Protagonismo popular e ancestral na produção da cidade de Salvador: os artífices da Ladeira da Conceição da Praia”, coordenado pela professora Gabriela Leandro Pereira. Podemos registrar, ainda, projetos técnicos e levantamentos de monumentos históricos que envolvem os Grupos LCAD<sup>2</sup> e o NTPR.<sup>3</sup> O NTPR, por exemplo, desenvolveu recentemente o projeto “Levantamento cadastral e diagnóstico do Real Forte Príncipe da Beira”, em Rondônia; o LCAD tem feito, sistematicamente, cadastro de sítios históricos e monumentos importantes da Bahia utilizando tecnologias digitais. Finalmente, vários projetos arquitetônicos de restauração e requalificação em áreas urbanas soteropolitanas, envolvendo professores do programa, estão sendo desenvolvidos, muitos deles diretamente vinculados ao Grupo de Pesquisa Projeto Cidade e Memória.

Para além disso, em novembro de 2024 acontecerá a sexta edição, sendo a quarta seguida em Salvador, do maior evento sobre salvaguarda, preservação, conservação

<sup>2</sup> N.E. — Originalmente denominado Laboratório de Computação Gráfica Aplicada à Arquitetura e ao Desenho, e desde 2014 rebatizado como Laboratório de Estudos Avançados em Cidade, Arquitetura e Tecnologias Digitais, o LCAD é um centro multidisciplinar que se dedica à pesquisa em tecnologias de representação e intervenção no espaço arquitetônico e geográfico, envolvendo professores e alunos em atividades de ensino, pesquisa e extensão. Fundado em 1992 pelos professores Arivaldo Leão de Amorim e Gilberto Corso Pereira, e situado no subsolo da Faculdade de Arquitetura, o LCAD ofereceu, na década de 1990, cursos de especialização pioneiros em geoprocessamento e projeto assistido por computador. Com a criação do doutorado no PPG-AU/FAUFBA, estabeleceu a linha de pesquisa Linguagem, Informação e Representação do Espaço.

<sup>3</sup> N.E. — Liderado pelo professor Mário Mendonça de Oliveira, o Núcleo de Tecnologia da Preservação e da Restauração (NTPR) é o único laboratório brasileiro, e possivelmente sul-americano, voltado a estudos científicos em Conservação e Restauração de Monumentos Históricos. O núcleo investiga a durabilidade e a conservação de materiais arquitetônicos, oferecendo consultoria e análises de materiais antigos em diversos estados brasileiros e em alguns países sul-americanos. Opera em colaboração técnica com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e mantém parcerias com laboratórios da Escola Politécnica, além de institutos de Geociências, Química, Física e Biologia e da UFBA. Colabora também com instituições como o Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC), em Portugal, o Rathgen Institut, em Berlim, e o Centro Gino Bozza do Politécnico de Milão.

e restauração do patrimônio edificado e urbano de interesse cultural, o Arquimemória 6, coordenado pelo professor Nivaldo Andrade e apoiado pelo PPG-AU. Esse é um dos maiores eventos internacionais vinculados à preservação e à salvaguarda do patrimônio arquitetônico.

Da mesma forma, não vejo qualquer decadência da área de preservação no PPG-AU. A prova disso são todos esses projetos que estão sendo desenvolvidos no cerne do programa — e a aderência de inúmeros professores, discentes e egressos a estas temáticas.

Quanto à questão do impacto em relação a Salvador, que é patrimônio cultural da humanidade, com seu grande acervo de arquitetura do período barroco, vejo que o programa está contribuindo intensamente — como pôde ser visto no que já relatei a pouco. Com tantos projetos, como os do canteiro modelo, as normas do Centro Histórico, e a proteção dos terreiros de candomblé, o programa está atuando diretamente na salvaguarda desse patrimônio baiano.

**Cadernos PPG-AU/FAUFBA:** A sua entrada na coordenação do PPG-AU/FAUFBA, tendo as professoras Glória Cecília dos Santos Figueiredo e Any Brito Ivo alternando como Vice-coordenadoras, ocorreu em 2018 e foi até 2020. Foi um período de grandes desafios, porque o programa havia caído para nota 4 na avaliação da CAPES, em 2017. Em 2020, a pandemia de COVID-19 eclodiu. Quais foram os esforços da sua coordenação, e das posteriores, para recuperar, em 2022, a nota 6? E que medidas precisaram ser tomadas durante a pandemia?

**Rodrigo Espinha Baeta:** Falando primeiramente sobre a queda da nota, cabe alguns esclarecimentos. Se acessarmos a ficha da avaliação da Capes, referente ao quadriênio 2013-2016,<sup>4</sup> existiam cinco quesitos de pontuação. Para ficar com nota 5 ou superior, era necessário obter a nota máxima em quatro destes cinco itens. Porém, havia dois itens — o 2 e o 3, salvo engano — que se a nota fosse inferior a “muito bom”, que é o grau máximo, o programa não poderia alcançar mais do que a nota 4 na avaliação, mesmo que todos os outros itens ficassem com a nota máxima “muito bom”. Se eu não me engano, o terceiro item tratava de discentes e egressos e foi justamente nesse quesito que ficamos com a nota “bom”, o que nos fez cair para 4.

Na ficha da avaliação da CAPES, o subitem “3.2. Distribuição das orientações das teses e dissertações defendidas no período de avaliação em relação aos docentes do pro-

<sup>4</sup> N.E. — Cf. [https://ppgau.ufba.br/sites/ppgau.ufba.br/files/ficha\\_de\\_avaliacao\\_2017.pdf](https://ppgau.ufba.br/sites/ppgau.ufba.br/files/ficha_de_avaliacao_2017.pdf).

grama" foi um dos que recebemos avaliação pouco favorável no quadriênio. A situação piorou imensamente de 2016 para 2018, o que poderia comprometer mais ainda a avaliação do quadriênio 2017-2020. De fato, as orientações ficavam prioritariamente concentradas em poucos docentes, quadro agravado pela entrada de onze novos professores, sem nenhum orientando, a partir do processo de credenciamento no início de 2018. Para resolver a questão, empreendemos um grande esforço para controlar, distribuir e redistribuir as orientações por docente, buscando uma média de variação razoável por professor. Para isso, o colegiado restringiu o número de orientandos por orientador, conseguindo imediatamente um equilíbrio completamente satisfatório na distribuição equitativa dos orientandos entre os professores permanentes do programa. Antes, estávamos com 12,9% dos professores com nenhuma orientação, 16,1% professores apenas com uma orientação, e 30% de professores com 8 ou mais orientações, alguns com mais de 10 orientandos — números que revelavam, de fato, um quadro grave de desequilíbrio. Já em 2018 começamos a corrigir as distorções e, no ano de 2020, todos os professores permanentes, mesmo os recém-ingressantes, estavam com pelo menos dois orientandos, e poucos ultrapassaram a meta estabelecida de sete orientandos.

A coordenação dispendeu outras atenções especiais para as questões do relatório quadrienal da CAPES e ao preenchimento da Plataforma Sucupira. Em ações mais internas, buscamos, com apoio da secretaria, um preenchimento mais adequado da Plataforma Sucupira, retratando o potencial inigualável que o programa tinha. Elaboramos uma prática de gerência e orientação das publicações científicas de discentes do programa, considerando o fator quantitativo exigido pela Capes sem, no entanto, abrir mão da qualidade e da pertinência dos produtos realizados e dos veículos utilizados. A produção intelectual e científica vinculada ao programa, registrada na Sucupira, ultrapassou, em muito, os números históricos. Terminamos o quadriênio com mais de 3.500 produções. Este aumento impressionante foi devido, especialmente, ao fato do número de registros de produções de estudantes e de egressos ter crescido exponencialmente, um resultado desta política massiva de incentivo a publicações de discentes, com o intuito de corrigir uma das distorções apontadas na avaliação do último quadriênio.

Ao final, o PPG-AU brilhou no quadriênio 2017-2020. Como exemplo podemos citar os primeiros lugares que obtivemos entre as mais importantes premiações da área de arquitetura e urbanismo: ganhamos os dois prêmios da ANPUR distribuídos no quadriênio de melhor tese de doutorado, o Prêmio Rodrigo Simões; um Prêmio Capes de Tese; um

Prêmio ANPARQ de melhor Dissertação; e os dois prêmios ANPARQ distribuídos no quadriênio na categoria de melhor livro autoral. Como mostra a ficha de 2017-2020,<sup>5</sup> na avaliação final do quadriênio obtivemos a nota máxima, “muito bom”, não só nos três itens de avaliação, como em todos os 12 subitens que compõem estes quesitos, o que nos fez elevar da nota 4 para a nota 6.

Finalmente, sugiro a visita ao site do PPG-AU/FAUFBA, em que na aba “Notícias” se pode acessar o link<sup>6</sup> que leva ao relatório da nossa gestão, que detalha tudo o que fizemos, além de mostrar o plano de gestão que desenvolvemos no ano de 2018 com destaque em amarelo para as diretrizes que acreditamos ter alcançado.

**Cadernos PPG-AU/FAUFBA:** E quanto a lidar com a pandemia?

**Rodrigo Espinha Baeta:** A professora Any Ivo assumiu a Vice-coordenação em 1º de março de 2020, logo antes da pandemia, que começou em 17 de março. Pegamos apenas o primeiro semestre da pandemia. Nos primeiros dois meses, estávamos todos perdidos: a UFBA estava perdida, o Brasil estava perdido, ninguém sabia o que fazer. Esse semestre, na verdade, foi cancelado, sem disciplinas. Continuamos fazendo reuniões online, mas nada além disso. O professor Nivaldo Vieira de Andrade Junior foi quem geriu o programa em todo o restante da pandemia. Contudo, e curiosamente, o ano de 2020 foi o que mais registrou produções desenvolvidas pelo programa no quadriênio. Ou seja, os corpos docente e discente do programa, bem como seus egressos, não pararam com suas atividades de pesquisa e com suas produções — muito pelo contrário.

**Cadernos PPG-AU/FAUFBA:** Qual é o cenário atual da pós-graduação em arquitetura e urbanismo no Brasil? Que temas você vê como novidades no debate? E qual o diferencial do PPG-AU/FAUFBA?

**Rodrigo Espinha Baeta:** De maneira muito rápida, o cenário mudou completamente. Não sei quantos programas existem hoje, mas em 10, 12 ou 13 anos, o número de programas nas áreas de Arquitetura, Urbanismo e Design deve ter mais do que dobrado, criando um cenário muito mais vasto. Uma notícia boa, na minha opinião, é que, para este quadriênio, as avaliações acontecerão com fichas independentes: uma para Arquitetura e outra para Design. A área de Arquitetura e Urbanismo já existe há muito tempo. Quando começaram a surgir cursos de pós-graduação em Design, foram alocados na área de Arquitetura e Urbanismo, o que causou problemas, porque os universos de interesse, os produtos e os trabalhos técnicos desenvolvidos são bastante distintos.

<sup>5</sup> N.E. — Cf. [https://ppgau.ufba.br/sites/ppgau.ufba.br/files/ficha\\_recomendacao\\_28001010019p5.pdf](https://ppgau.ufba.br/sites/ppgau.ufba.br/files/ficha_recomendacao_28001010019p5.pdf).

<sup>6</sup> N.E. — Cf. <https://ppgau.ufba.br/relatorio-final-de-gestao-da-coordenacao-do-ppg-au-exercicio-2018-2020>.

Embora o Design seja frequentemente visto como uma área criativa — e de fato é —, possui um caráter mais técnico, o que gera conflitos nas avaliações. É de um desejo consensual, entre os programas de Arquitetura e de Design, a separação, embora isso signifique mais custos para a Capes. Provavelmente haverá duas comissões separadas. Nesse novo cenário inchado, é interessante notar que existem dois tipos de programas em Arquitetura e Urbanismo: os consolidados e tradicionais, e os mais recentes. Os primeiros, em sua maioria, tiveram queda nas notas na avaliação de 2013-2016, e no último quadriênio se recuperaram e até superaram suas avaliações recentes. O PPG-AU, obviamente, está entre os programas consolidados, que têm uma voz muito importante e determinante no desenvolvimento das políticas de pós-graduação no Brasil, atuando em eventos, nas direções de coordenação do CNPq, da ANPARQ e da Capes. É impressionante como o PPG-AU/FAUFBA se destaca nos fóruns e encontros da área.

O nosso programa, apesar de ter apenas duas Áreas de Concentração — Urbanismo e Conservação e Restauro —, acolhe qualquer tipo de experiência acadêmica em Arquitetura e Urbanismo, e faz isso muito bem. Muitos temas emergentes e essenciais estão sendo tratados no PPG-AU, destacando-se as questões étnico-raciais, que certamente não têm paralelo em outros programas no Brasil. Além disso, inúmeros grupos de pesquisa, com diferentes interesses e abordagens, possuem estrutura e produção que superam até mesmo alguns PPGs pequenos ou de médio porte. Podemos citar: o LCAD, que já havia mencionado, dos professores Arivaldo Leão Amorim e Gilberto Corso; o NTPR, de que também já falei, do professor Mário Mendonça; o LabHabitat,<sup>7</sup> da professora Angela Gordilho, que abriga a pioneira Residência em Arquitetura, Urbanismo e

<sup>7</sup> N.E. — O LabHabitat é um grupo de pesquisa fundado em 1993 liderado por Angela Gordilho Souza, tem como objetivo experimental, assessorar e assimilar novos enfoques para intervenção no espaço construído da habitação no contexto do ambiente urbano, bem como sistematizar informações para consolidação de um Centro de Referências. Para isso, contando com infraestrutura própria, articula atividades de ensino, pesquisa e extensão, associadas à linha de pesquisa Processos Urbanos Contemporâneos, do PPG-AU/FAUFBA, envolvendo graduação e pós-graduação. Conta com infraestrutura própria e interage com outros laboratórios e núcleos da FAUFBA e do PPGAU.

Engenharia (RAU+E);<sup>8</sup> o Lugar Comum,<sup>9</sup> da professora Ana Fernandes; o Laboratório Urbano, liderado pela professora Paola Berenstein Jacques;<sup>10</sup> e o EtniCidades, liderado pelo professor Fábio Macêdo Velame e a professora Any Brito Leal Ivo.<sup>11</sup> Também há o ARQPOP, da professora Márcia Sant'Anna;<sup>12</sup> o Projeto Cidade Memória, do professor Nivaldo Andrade e da professora Naia Alban;<sup>13</sup> o LAB20 – Laboratório da Arquitetura e do Urbanismo do Século XX, dos professores José Carlos Huapaya Espinoza, Ana Carolina Bierrenbach e Juliana Cardoso Nery.<sup>14</sup> Grupos menores e emergentes também es-

<sup>8</sup> N.E. — A Residência Acadêmica em Arquitetura, Urbanismo e Engenharia (RAU+E), vinculada à FAUFBA, foi instituída como curso de especialização em 2011, com o propósito de fomentar a inserção de profissionais em áreas urbanas periféricas, com ênfase na promoção do direito à moradia digna, em conformidade com as disposições das Leis Federais nº 10.257/2001 e nº 11.888/2008. A proposta emergiu das atividades do LabHabitar, com o objetivo de qualificar profissionais e prestar suporte técnico a movimentos sociais voltados à luta por moradia. Em 2013, foi realizada sua primeira edição, contando com a participação de 25 docentes credenciados. O êxito alcançado resultou em sua expansão, com iniciativas de replicação em outras regiões do país e estabelecimento de parcerias e intercâmbios internacionais, ampliando seu impacto e projeção no campo da arquitetura e urbanismo.

<sup>9</sup> N.E. — O Lugar Comum, liderado por Ana Fernandes, investiga a produção do espaço urbano contemporâneo, com base em temas como extração de mais-valia, segregação social, gentrificação e direito à cidade. Desde 2011, desenvolve projetos de extensão voltados à criação de planos de bairros em ocupações populares ameaçadas por empreendimentos imobiliários, buscando mitigar os efeitos da especulação e garantir acesso à habitação, mobilidade, espaços públicos e emprego. Tem reconhecimento acadêmico pela participação em fóruns de arquitetura, urbanismo e planejamento urbano, e coopera internacionalmente com instituições como a École d'Urbanisme de Paris, a Bartlett School e a École Polytechnique Fédérale de Lausanne. Também colabora com o Ministério Público, a Defensoria Pública, associações de moradores e comissões da Câmara de Vereadores.

<sup>10</sup> N.E. — Criado em 2003, o Laboratório Urbano dedica-se ao estudo e à pesquisa sobre a cidade e o urbanismo contemporâneos, mantendo parcerias com grupos nacionais e internacionais. Suas investigações são estruturadas em três linhas inter-relacionadas: Historiografia e Pensamento Urbanístico, Apreensão Crítica da Cidade Contemporânea e Estética, Corpo e Cidade. Além de ser o responsável pelo periódico *Redobra*, o grupo coordena a pesquisa colaborativa *Cronologia do Pensamento Urbanístico* e o projeto *Corporidade*, um encontro e plataforma de estudos sobre corpo e cidade.

<sup>11</sup> N.E. — O grupo EtniCidades: Grupo de Estudos Étnicos e Raciais em Arquitetura e Urbanismo é liderado por Fábio Macêdo Velame e Any Brito Leal Ivo. Foi fundado a partir de uma Ação Curricular em Comunidade e em Sociedade (ACCS) da UFBA em 2013, voltada a propostas arquitetônicas para a comunidade quilombola de Salamina. Seu principal objetivo é desenvolver pesquisas e ações de extensão relacionados a arquiteturas de grupos étnicos, políticas públicas e patrimonialização cultural e estética. As atividades do grupo são organizadas em cinco eixos temáticos: Território, Cultura e Etnicidade; Políticas, Conflitos e Segregação Étnico-Racial; Mercantilização e Turismo Étnico; Patrimônio Cultural e Ambiental; e Festividades e Estética.

<sup>12</sup> N.E. — Liderado por Márcia Sant'Anna, o ARQPOP visa a aprofundar o conhecimento sobre os processos de construção, inovação, transmissão e aprendizado na arquitetura e no assentamento popular, valorizando os saberes, competências e tradições, e ampliando as oportunidades de seu uso contemporâneo. No âmbito acadêmico, busca contribuir para o desenvolvimento conceitual e metodológico, incentivar pesquisas e aprimorar a formação em arquitetura e urbanismo, com a criação de disciplinas sobre o tema. Também objetiva ampliar o conhecimento histórico das raízes da arquitetura popular e das técnicas construtivas tradicionais no Brasil.

<sup>13</sup> N.E. — Liderado por Naia Alan Suarez e Nivaldo Vieira de Andrade Junior, o grupo de pesquisa Projeto, Cidade e Memória atua nas seguintes áreas: projeto de arquitetura e urbanismo; ensino de arquitetura e urbanismo; história da arquitetura e do urbanismo; e preservação do patrimônio edificado. Seus membros são autores de dezenas de artigos publicados em livros, periódicos e anais de eventos acadêmicos editados no Brasil e no exterior nos últimos anos nestas áreas.

<sup>14</sup> N.E. — O Laboratório da Arquitetura e do Urbanismo do Século XX (Lab20) é liderado pelo professor José Carlos Huapaya Espinoza e concentra-se na história, na historiografia, na teoria, na documentação e na intervenção na arquitetura moderna. Entre suas principais pesquisas estão: o inventário do patrimônio arquitetônico e urbano de Salvador; a história do DOCOMOMO Brasil e o PPGAU/UFBA; o Guia da Arquitetura Moderna de Salvador; o

tão abordando questões importantes, como o ¡DALE!, na temática decolonial, do professor Leo Name,<sup>15</sup> que é essencial e está ganhando destaque, ou o BIA — Barroco Ibero-Americano: Arquitetura e Cidade, que é coordenado por mim.<sup>16</sup>

Na verdade, o PPG-AU abriga mais de vinte grupos de pesquisa certificados pelo CNPq, todos de alta qualidade. Logo, na minha opinião, o diferencial do PPG-AU/FAUFBA, no cenário nacional, é exatamente a força dos seus grupos de pesquisa e sua produção significativa.

**Cadernos PPG-AU/FAUFBA:** E, para terminar, o que você está lendo agora?

**Rodrigo Espinha Baeta:** Essa pergunta é difícil, mas meu “barato” agora é o seguinte: eu nutro um vasto interesse, bastante incomum, por história e crítica da arquitetura e da cidade na América Hispânica. Este fascínio começou em 1996, quando fui aluno, durante um mês, no CECRE, do professor Ramon Gutiérrez, dos livros *Arquitectura y Urbanismo en Iberoamérica* (1977), *Barroco Iberoamericano: de los Andes a las Pampas* (1997), *El Barroco, integración, síntesis y modernidad en la cultura americana* (2008), *Aproximaciones al Barroco hispanoamericano en Sudamérica* (1997) e *Repensando el Barroco americano* (2001). Ele é o maior mestre de teoria, crítica e história da arquitetura e da cidade latino-americana. Na primeira aula, ele mostrou exemplos de arquitetura barroca mexicana, peruana, equatoriana que eu desconhecia, apesar de já estar familiarizado com a arquitetura europeia e brasileira. Fiquei completamente extasiado ao descobrir a arquitetura hispano-americana, o que me ajudou a entender melhor a arquitetura luso-brasileira e barroca, tanto pós-conquista, quanto pré-conquista. Desde então, esse tema tem me envolvido profundamente.

Minha tese de doutorado foi desenvolvida sobre a cidade hispano-americana, e estou prestes a lançar um novo livro, *Contra a Quadrícula: a Cenografia Urbana Barroca nas*

banco de dados de modelos tridimensionais da arquitetura moderna; a pesquisa sobre arquitetas e urbanistas na América do Sul (1929-1960); e estudos sobre a arquitetura da UFBA, incluindo a produção de Diógenes Rebouças. O grupo de pesquisa é afiliado ao DOCOMOMO Brasil e ao DOCOMOMO Bahia.

<sup>15</sup> N.E. — Criado em 2016, no Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Integração Latino-americana (CAU UNILA) e, desde 2021, sediado na FAUFBA, o grupo Decolonizar a América Latina e seus Espaços (¡DALE!) opera através de uma rede transdisciplinar, transterritorial e transinstitucional de intelectuais que se conecta a um escopo amplo de literaturas da América Latina e do Caribe, questionando os legados do colonialismo e do patriarcado racistas. Liderado por Leo Name (UFBA) e Tereza Spyer (UFOP), seu foco está na produção de saberes, na formação de quadros e na divulgação científica sobre a decolonialidade, em especial, relacionada a arquitetura e urbanismo.

<sup>16</sup> N.E. — Liderado por Rodrigo Espinha Baeta, o grupo de pesquisa Barroco Ibero-Americano: Arquitetura e Cidade (BIA) atua nos campos de Teoria e Crítica do Barroco; Historiografia do Barroco; História da Arquitetura e da Cidade no Período Barroco — especialmente em sua vertente Hispano-Americana e Luso-Brasileira; Transculturação: a formação da Arquitetura e do Espaço Urbano na América Hispânica e no Brasil durante a dominação Ibérica; as Contribuições Originais do Barroco Ibero-Americano; as Interfaces entre a Arquitetura e a Cidade nas Américas Hispânica e Portuguesa no Período Colonial.

*Cidades Hispano-Americanas* (BAETA, no prelo), que está em fase final de editoração pela EDUFBA, em parceria com o PPG-AU/FAUFBA. Além disso, criei uma disciplina sobre arquitetura hispano-americana, *Arquitetura latino-americana: do Pré-Colombiano ao Barroco*, e fundei o grupo de pesquisa BIA, *Barroco Ibero-Americano Arquitetura e Cidade*, que coordeno com meu querido amigo Clóvis Ramiro Jucá Neto. Tenho viajado bastante pela América Latina para conhecer exemplares dessa arquitetura.

Contudo, atualmente, meu foco maior de interesse e leituras está na busca pelas referências dessa arquitetura hispano-americana, incluindo a arquitetura espanhola. Em 2021, fiz uma missão de trabalho na Andaluzia a convite do professor Rafael López Guzmán, da Universidade de Granada, que na época era presidente do Comitê Espanhol de História da Arte; e do professor Alfredo Morales, da Universidade de Sevilha, e que também já presidiu o Comitê Espanhol de História da Arte. Em 2022, voltei para um seminário em Madrid e explorei as regiões de Castela e Leão e Castela e La Mancha. O objetivo foi buscar entender a arquitetura da ocupação árabe, magrebina, na Espanha, e suas derivações após a reconquista nos estilos mudéjar, isabelino, plateresco e como tudo isso foi transculturado e adaptado na América Hispânica. Meu atual objetivo é compreender essa arquitetura espanhola e trazer esse conhecimento para meu curso sobre arquitetura hispano-americana. Isso também está vinculado à minha bolsa de produtividade, na qual tento desenvolver uma teoria do barroco ibero-americano, considerando as experiências pré-hispânicas, autóctones, europeias, portuguesas e espanholas, e como elas se transmutaram por aqui. Estou particularmente encantado com a arquitetura islâmica na Espanha, mas também o estilo mudéjar, que é a arquitetura cristã feita em estilo árabe, e é o estilo mais tipicamente espanhol. Tenho lido muito sobre todos esses temas.

## Referências

- ARGAN, Giulio Carlo. **Borromini**. Milano: Oscar Saggi Mondadori, 1978.
- ARGAN, Giulio Carlo. **El concepto del espacio arquitectónico desde el barroco a nuestros días**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1973.
- ARGAN, Giulio Carlo. **Storia dell'arte come storia della città**. Roma: Riuniti, 1984.
- ARGAN, Giulio Carlo. **Immagine e persuasione**. Milano: Feltrinelli, 1986.
- ARGAN, Giulio Carlo. **Storia dell'arte italiana**. Milano: Rizzoli, 3. v., 1994.
- ARGAN, Giulio Carlo. **L'Europa delle capitali**. Milano: Skira, 2004.
- BAETA, Rodrigo Espinha. **Ouro Preto: cidade barroca**. 2003. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2003.
- BAETA, Rodrigo Espinha. **O Barroco, a arquitetura e a cidade nos séculos XVII e XVIII**. Salvador: Edufba, 2010.
- BAETA, Rodrigo Espinha. **Teatro em grande escala: a cidade barroca e sua expressão na América Hispânica**. 2011. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2011.
- BAETA, Rodrigo Espinha. **Teoria do Barroco**. Salvador: Edufba, 2012.
- BAETA, Rodrigo Espinha. **A Cidade barroca na Europa e na América Ibérica**. Salvador: Edufba, 2017.
- BAETA, Rodrigo Espinha. **Contra a Quadrícula: a Cenografia Urbana Barroca nas Cidades Hispano-americanas**. Salvador: Edufba, no prelo.
- BAETA, Rodrigo Espinha; NERY, Juliana Cardoso. **Entre o restauro e a recriação: reflexões sobre intervenções em preexistências arquitetônicas e urbanas**. Salvador: Edufba, 2022.
- BRANDI, Cesare. **Teoria del restauro**. Torino: Giulio Einaudi Editore s.p.a., 1977.
- FAGIOLO, Marcello (org). **Barocco Latino Americano**. Roma: Istituto Italo-Latino Americano, 1980.
- FAGIOLO, Marcello (org). **La festa a Roma**. Roma: Umberto Allemandi & C., 1997.
- GUTIÉRREZ, Ramón. Aproximaciones al Barroco hispanoamericano en Sudamérica. In: GUTIÉRREZ, Ramón (org). **Baroco Iberoamericano**. De los Andes a las Pampas. Barcelona: Lunwerg, 1997.

GUTIÉRREZ, Ramón. **Arquitectura y Urbanismo en Iberoamérica**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1997.

GUTIÉRREZ, Ramón. El Barroco, integración, síntesis y modernidad en la cultura americana. In: CAMPOS, Adalgisa Arantes et al. **Atas do IV Congresso Internacional do Barroco Íbero-Americano**. Belo Horizonte: C/Arte, p. 1379-1387, 2008.

GUTIÉRREZ, Ramón. Repensando el Barroco americano. In: ARANDA, Ana María et al. **Barroco Iberoamericano: territorio, arte, espacio y sociedad**. Sevilla: Ediciones Giralda, v. 1, p. 61-69, 2001.

MARAVALL, José Antonio. **La cultura del Barroco**. Barcelona: Editorial Ariel S.A., 2007.

MARX, Murillo. Arraiais mineiros: relendo Sylvio de Vasconcellos. **Revista do Barroco**, n. 15, p. 389-393, 1990/1992.

MARX, Murillo. **Cidade no Brasil terra de quem?** São Paulo: Nobel:/Edusp, 1991.

MARX, Murillo. **Nosso chão: do sagrado ao profano**. São Paulo: Edusp, 1989.

PORTOGHESI, Paolo. **Francesco Borromini**. Milano: Electa, 1994.

PORTOGHESI, Paolo. **Roma barocca**. Roma-Bari: Editoriale Laterza, 1997.

VASCONCELLOS, Sylvio de. A arquitetura colonial mineira. In: ÁVILA, Affonso (org.) **Barroco: Teoria e Análise**. São Paulo: Perspectiva, 1997, p. 351-368.

VASCONCELLOS, Sylvio de. **Arquitetura no Brasil: sistemas construtivos**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1979.

VASCONCELLOS, Sylvio de. **Mineiridade**. Ensaio de caracterização. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1968.

VASCONCELLOS, Sylvio de. **Vida e obra de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho**. São Paulo: Editora Nacional, 1979.

VASCONCELLOS, Sylvio de. **Vila Rica**. Formação e desenvolvimento — Residências. São Paulo: Perspectiva, 1977.

WITTKOWER, Rudolf. **Art and architecture in Italy: 1600 to 1750**. New Haven/London: Yale University Press, 1982.

WITTKOWER, Rudolf. **Bernini**. The sculptor of the Roman Baroque. London: Phaidon, 2002.

WITTKOWER, Rudolf. **Sobre la arquitectura en la edad del humanismo**. Barcelona: Gustavo Gili, 1979.

Recebido em: 23/08/2024

Aceito em: 29/08/2024

DOI: 10.9771/ppgaufaufba.v13i0.64174

**Como citar:** BAETA, Rodrigo Espinha. "O diferencial do PPG-AU/FAUFBA é a força de seus grupos de pesquisa". **Cadernos PPG-AU/FAUFBA**, v. 13, n. 1, p. 65-83, ano.



FAUFBA



PPG-AU  
FAUFBA

**NAPPE**

NÚCLEO DE APOIO À PESQUISA  
E PRODUÇÃO EDITORIAL